

MigraEducas:

vulnerabilidade como potência



Margarita Victoria Gomez - org

O ser humano ao deixar seu país de origem ou residência habitual devido ao temor de perseguição (quando sua vida e liberdade estão sob ameaça, ou quando uma situação de grave violação de direitos humanos está ocorrendo em sua pátria) viaja em busca de um lugar na terra livre de violência no qual seja reconhecido(a) como uma "pessoa em situação de refúgio".

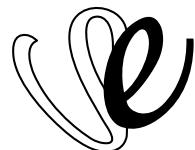
Ao ressaltar a condição de pessoa, percebemos a imperiosidade da atuação do Estado acolhedor e da sociedade civil global a fim de possibilitar-lhe uma "outra vida" livre de violência.

O livro organizado por Margarita Victoria faz uma reflexão oportuna a respeito da Educação Universitária nessa empreitada cívica e remete à belíssima expressão da educação como "recuso de esperança", que sintetiza todo potencial emancipatório dessa atividade genuinamente humana.

Guilherme Assis de Almeida, Livre docente da Faculdade de Direito e Professor no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

MigraEduca: vulnerabilidade como potência ou abrir a educação superior com migrantes e refugiados

Margarita Victoria Gomez (Org.)



São Paulo
Virtus Educação
Missão Paz-CEM-Radio Migrantes

Conselho editorial:

Albert Roger Hemsi - Doutor em Educação (USP)
Professor nas Faculdades Integradas Rio Branco (FIRB-SP).

Arthur Matuck - Doutor e Professor da Universidade de São Paulo. (USP)

Diana Reartes - Doutora em Antropologia social pelo Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS). Pesquisadora no IPECAL (Instituto de Pensamiento y Cultura en América Latina), México.

Elisa Angotti Kossovitch - Doutora em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo. Professora na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Ilana Strozenberg - Antropóloga, Doutora em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Marilia Godoy - Doutora em Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC). Pesquisadora do Grupo Migração e Identidade do Centro de Estudos Urbanos e Rurais (CERU/USP).

Marilia Franco - Professora e pesquisadora no Programa de Integração Latino-americana (Prolam) da Universidade de São Paulo (USP).

Apoio:

Missão Paz, SP; Centro de Estudos Migrantes-CEM; Radio Migrantes en español.

Entrevistas realizadas por Margarita Victoria Gomez (MVG)

1º Transcrição da entrevista de Fernando Lajus – Fernando Lajus.

Os artigos e as ideias que expressam neles são de responsabilidade de seus autores.

Coordenação do projeto gráfico:

Virtus Educação Editora

Arte de capa: Arte Coletivo Migrante - Paulo Zeminian e Artur Matuck.

Foto: Carla Guimarães.

Imagem de contracapa:

Sergio Ricciuto Conte. Mural exposto na Missão Paz-SP.

Arte final da capa-contracapa:

Albert Roger Hemsi a partir da foto de Carla Guimarães e do mural de Sergio Ricciuto.

Tradução Texto de J. Suoranta:

Luciana Averio.

Revisão: Esther Schapochnik.

Impressão e acabamento: Paulo's Gráfica.

DOI: 10.11606/9788569720010

Catalogação na Publicação

M636 MigraEduca: vulnerabilidade como potência ou abrir a educação superior com migrantes e refugiados / organizadora Margarita Victoria Gomez - São Paulo: Virtus Educação, 2019.
204 p.
ISBN 978-85-69720-01-0 (e-book)
ISBN 978-85-69720-02-7 (impresso)
1. Ensino superior - Brasil 2. Migrantes (Educação) – Brasil
3. Refugiados 4. Educação à distância I. Gomez, Margarita Victoria

CDD 21.ed. – 378.81

Elaborada por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888

Índices para catálogo sistemático

1. Migração - 325.1 2. Refugiados - 325.21 3. Educação à distância - 371.35



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

PREFÁCIO

Nos países da América Latina, os sistemas educativos se sustentaram e desenvolveram, em parte, pela contribuição de migrantes. Peter Burke (2017), no livro *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*, disse-nos que “com os corpos humanos migram as histórias e os intelectos” e vê a importância dos professores e das universidades nas problemáticas que analisa para compreender algumas questões enfrentadas por professores refugiados na sua chegada, especialmente: a aprendizagem de uma nova língua e o fazer carreira no país escolhido.

No terceiro milênio é evidente que a mobilidade humana cresceu significativamente e demanda por uma similar compreensão quando se pensa na abertura humanitária das universidades aos estudantes em situação de refúgio. Atualmente, estima-se que 40% da população mundial acceda à educação superior, sendo que somente 1% de refugiados o conseguem. Estes dados, publicados no Relatório *Turn the tide* (2018), que atualizou os de *Left Behind- Refugee Education in Crisis* (2017), ambos do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), nos remetem a pensar especificamente a situação das pessoas em situação de refúgio.

Em estudo de 2018, Bernhard Streitwieser e Lisa Unangst (2018)¹ referem-se à publicação do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) que fornece descobertas baseadas em evidências mostrando como a Alemanha está lidando com o processo de acesso ao ensino de refugiados. Os autores acreditam que as universidades tornaram-se mais conscientes dos serviços e que devem proporcionar a todos os estudantes para acessar ou continuar estudos os universitários. Também, Claudia Fratelli (2018)² refere-se às respostas possíveis à diáspora acadêmica africana, e ainda Hans De Wit e Philip G. Altbach³ à crise de refugiados sírios e os dilemas que a educação superior terá que enfrentar.

¹ STREITWIESER, Bernhard; UNANGST, Lisa. Access for refugees into higher education: paving pathways to integration. *International Higher Education* Number 95: Fall 2018. ,p.16-17.

² FRITTELLI, Claudia. African academic diaspora: training and research Number 95: Fall 2018, p-18-19.

³ DE WIT, Hans e ALTBACH, Philip g. The syrian refugee crisis and higher education. *International Higher Education* Number 84: Winter 2016. P.9-10.

A *Kiron University* (Kiron Open Higher Education gGmbH - <https://kiron.ngo>), com sede em Berlin, por exemplo, é uma universidade particular que oferece educação superior gratuita para refugiados na modalidade presencial e a distância. Por iniciativa de seus fundadores, Vincent Zimmer e Markus Krebler, foi lançada uma campanha de *crowdfunding* ou microfinanciamento coletivo que conseguiu a colaboração de pessoas e instituições para não tratar os refugiados como cidadãos de segunda.

Para Sarah Guri-Rosenblit (2017)⁴, na universidade tradicional, tudo é fechado, tem requisitos para o ingresso, tem o currículo que diz o que fazer, há pouca escolha. Ela percebe que com a criação, em 1969, da Universidade Aberta da Inglaterra e posteriormente de outras, somente cinco ou seis das universidades a distância têm admissão aberta, as outras têm algum tipo de requisito para a entrada aos cursos. Em cada caso, há diferentes variáveis do que implica ser aberta, mas considera-se que são aquelas que permitem que os alunos estudem conforme o seu ritmo, que escolham dentro de uma gama de cursos e elaborem o seu próprio currículo. Além disso, permitem que se estude em qualquer lugar e no horário que se queira.

Na América Latina, a universidade enfrenta o desafio de se abrir para todos os interessados em estudar. Mas essa abertura leva consigo a complexidade de elaborar a compreensão do senso comum de ser alguma coisa livre, dispersa, insustentável, e de baixa responsabilidade. No Brasil, existe uma política nacional de educação superior que abrange um setor da população e nele, o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB <http://www.capes.gov.br/uab>), que não é uma universidade (é um sistema que articula a oferta de universidades federais) nem é aberta (tem requisitos para o ingresso). No âmbito público, a UAB abre-se na modalidade semi-presencial, para a interiorização da educação superior e oferece formação universitária a uma população que não poderia chegar aos grandes centros urbanos. E, assim como desenvolve atividades no interior do país, já atuou no exterior, como é o caso das formações realizadas na África.

Ainda algumas universidades nacionais se propuseram abrir-se, especialmente, pela extensão universitária, e contribuir para dar resposta à demanda das pessoas que chegam procedentes do atual fluxo migratório, vinculando-se, com ações articuladas, de ensino, pesquisa e extensão, à Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSV/ACNUR).

É um panorama complexo, mas o Brasil começa dentro das suas possibilidades a dar respostas, por exemplo, ao aprovar uma nova lei de migração em 2017, quando pessoas em situação de refúgio aceitas pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), com a documentação da faculdade do país de origem

⁴ GURI-ROSENBLIT, Sarah. Open education <https://youtu.be/bNx6vv7haB4> <abr.2019>

e a proficiência em português, entre outros requisitos, conseguem ingressar na universidade.

A universidade brasileira ao acolher estudantes em situação de migração e/ou refúgio opta por uma ação educativa democrática, se abre à diversidade, à pluralidade, facilitando o ingresso, a aprendizagem de uma nova língua, à reválidação de diplomas e certificados de estudos universitários que lhes permitem fazer carreira no país. Neste sistema político, parece ser muito fecundo que as pessoas procedentes de diferentes partes do mundo, que trazem consigo possibilidades de ações mútuas para o conhecimento e a cooperação cultural e científica, possam contribuir com o desenvolvimento cultural, socioeconômico e a convivência solidária no país que os acolhe e, caso retornem, nos seus países de origem.

Estima-se que o 1% de refugiados de todo o mundo são acolhidos no Brasil, e que 89 refugiados já ingressaram, nos últimos anos, na Cátedra Sérgio Vieira de Mello de alguma universidade. Esses dados, mais do que dificuldades a serem enfrentadas para ingressar na universidade, os expõem como ‘refugiados’, e deixam ver a vulnerabilidade de alguns estados soberanos quando pessoas são expulsas, sem representação nem proteção, ou seja, revelam a fragilidade das próprias instituições e das universidades, pois, quando chegam, as dificuldades reverberam, embora se possa dizer que alguns dispositivos legais, ou a Lei de Migração nacional, avançaram bastante e as pessoas encontram, também, as possibilidades de concluir ou realizar os estudos universitários.

“A educação das crianças, adolescentes e jovens refugiados é um lugar seguro em meio do tumulto do deslocamento”, segundo Filipo Grandi. Ainda no relatório *Left Behind- Refugee Education in Crisis*, (UN, 2017, p. 4), Grandi afirma que “equivale a um investimento futuro, criando e alimentando cientistas, filósofos, arquitetos, poetas, professores, profissionais da saúde funcionários públicos que reconstruirão e revitalizarão seus países quando a paz for estabelecida e eles possam retornar. A educação destes jovens refugiados é crucial para o desenvolvimento pacífico e sustentável dos lugares que os acolheram e para a prosperidade futura de seus próprios países.”

A educação é um recurso de esperança, lembra-nos o entrevistado nigerino, seguindo e pensamento de Raymond Williams. É uma maneira de abrir caminhos para construir um lugar melhor para viver no planeta Terra. Isto significa que se busca mais do que sobreviver, trata-se de exercer os direitos humanos básicos.

A ideia deste livro surge de uma pesquisa acadêmica focada na educação aberta e se fortalece com o convite para realizar a primeira temporada do programa MigraEduca transmitido semanalmente na Webradio Migrantes em es-

panhol da Missão Paz, em São Paulo. O programa, iniciado no dia 6 de agosto de 2018, dialoga acerca do que implica não só estar em situação de refúgio ou migração, mas também tentar retomar uma vida digna, trabalhar e, especificamente, estudar para iniciar ou concluir um curso universitário no Brasil.

As entrevistas, transcritas neste livro, revisadas e editadas, foram realizadas voluntariamente por entrevistadora e entrevistados. Este projeto está vinculado ao desenho de um curso gratuito de 40h a ser realizado virtual e interativamente no qual as pessoas poderão participar sem requisitos prévios, a não ser ter acesso a internet e ter no mínimo uma hora disponível por semana para realizar as atividades, com o acompanhamento de professores em espaço para o diálogo entre colegas.

Para este curso, as temáticas iniciais para a aprendizagem colaborativa em rede (rizomatica)⁵ foram: 1. Travessia; potencialidades e fragilidades da mobilidade humana 2. Contexto da Migração: procedência dos estudantes e professores; 3. Recepção e hospitalidade: língua e comunicação. 4. Educação superior-procedimentos; fontes de estudo; 5. Aspetos culturais, jurídicos, legais, procedimentais e burocráticos; 6. Atuação profissional.

A proposta é ir além dos muros da universidade, usando a *internet*, a tablete, o *smartphone*, a webrádio. Trata-se de desenhar uma cátedra virtual aberta que, ao conectar as pessoas e suas problemáticas entre si, ultrapassaria fronteiras simbólicas, culturais e físicas para a informação, a comunicação, o relacionamento, e o trabalho colaborativo por uma educação, no dizer de Paulo Freire, como prática da liberdade e da autonomia.

Assim, a proposta deste livro é também afirmar o direito das pessoas à educação, seja presencial ou virtualmente, para entrar no fluxo da cultura e da difusão do conhecimento. A sociedade ‘aberta’ está estreitamente relacionada aos 68 milhões de pessoas que no mundo são forçadas a sair de suas casas, a deslocar-se de seu lugar de origem.

Expressões da vulnerabilidade como potência

É notável a preocupação em enquadrar a pessoa em situação de refúgio com acordos, normas e leis, o que termina dando-lhe um rosto. São uma série de questões e procedimentos que se repetem mas, nessa repetição, o refugiado pode subverter a situação. Ele, ao reconhecer a sua vulnerabilidade, permite que o outro reconheça a própria precariedade, o que seria o inicio da relação. O

⁵ GOMEZ, Margarita V. Educação em rede: uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez/IFP, 2004; *Pedagogia da virtualidade: redes, cultura digital e educação*. São Paulo : Loyola, 2015.

Estado é também um rosto vulnerável, falho, quando enxerga uma ameaça no outro que se aproxima. Então, vulnerabilidade e acolhimento institucional são expressões de uma existência precária e, ao mesmo tempo, solidária.

Para Emmanuel Levinas⁶, o outro totalmente diferente tem um rosto, é o refugiado, o apátrida, o estrangeiro, o pobre, a viúva, e abrir-se pela sensibilidade, comunicação originaria, torna ética a relação quando, frente ao outro, (eu ou a universidade) se dispõe não só à recepção, mas também à hospitalidade (Levinas) [o outro não é uma ideia, é um ser de carne e osso que sente fome e gosta de comer].

No dizer de Critchley (2004 apud Gomez, 2004), a relação com o outro não é um momento de pesquisa filosófica sobre o ser. O outro irrompe em mim com a sua presença através da linguagem e da sensibilidade; não há tempo para apresentações e não há ninguém que possa tematizar e conceituar para que a relação ocorra, mas existe aquele que acolhe, que hospeda, permitindo a subjetividade ética. Embora seja transitória, a subjetividade somente aloja ao outro que ali irrompe, pois a sua presença não pode ser antecipada.

A hospitalidade busca ser incondicional, ao acolher o corpo físico, o corpo simbólico e cultural e afastar a solidão e o isolamento dos corpos amedrontados, violentados, expulsos do espaço público e privado. Diante desse quadro, o ético é a relação mesma no simples gesto cotidiano de me aproximar pela sensibilidade e pela linguagem —não pelo conhecimento—.

E, a universidade, na sua tentativa de dar hospitalidade, de dar uma resposta ao Outro, se dispõe a servir os refugiados mais do que satisfazer seus próprios interesses. Ela abre o acesso para um público heterogêneo, plural, abre a oferta disciplinar e se abre internamente, o que gera uma ação, algo que produz realidades outras.

O livro *MigraEduca: vulnerabilidade como potência ou abrir a educação superior com migrantes e refugiados* apresenta um conteúdo inédito e pretende alcançar um público interessado e sensibilizado com essa problemática que é contada pelos próprios atores/autores das narrativas. O livro, além de um prefácio e um posfácio, está composto por cinco partes relacionadas: I: Dinâmica do refúgio; II: Acordos internacionais e migração na universidade; III: Dispositivos para abrir a educação superior universitária; IV: Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSV/ACNUR); V: “A educação é uma migração”.

Alguns dos entrevistados, nas primeiras quatro partes do livro, deixam claro que quem foi forçado a deixar sua terra, seu lugar de origem, traz um enorme potencial sócio-histórico, cultural e educacional, não são clandestinos,

⁶ Para as Ref. a Levinas conferir: Gomez, M.V. *Emmanuel Levinas and Paulo Freire: The ethics of responsibility for face to face interaction in a virtual World*, (Eskisehir Anadolu: University Press Limited), 2004.

ilegais, uma ameaça ou simples merecedores de ajuda; são cidadãos, sujeitos de direitos, nacional e internacional. Medos e sentimento recíprocos nascem, entre os locais e quem chegou, que devem ser mutuamente educados, pois é a maneira de conviver. É uma das fases da chamada ‘crise humanitária’, que neste livro será indagada de modo a não silenciá-los, mas gerar perguntas, respostas e tomar consciência para uma ação crítica.

Trata-se de um livro – rede, que entra no fluxo do processo de aprendizagem com pessoas e dispositivos que provocam interações com o mundo contemporâneo e abertura de espírito para acolher o diferente em pensamento, fazeres, afetos. O livro compartilha histórias e visões de mundo de pessoas que se abrem à escuta atenta e ao diálogo com outros migrantes e refugiados, especialmente na parte I a IV.

Na última e quinta parte do livro, alguns autores, com a sua particular visão de mundo, refletem e produzem também, sobre a possibilidade da educação aberta e a distância também com migrantes e refugiados.

Para o israelense Yoram Kalman, da *Open University of Israel* (OUI), abrir a universidade refere-se ao acesso. As pessoas não conseguem alcançá-la, por questões culturais, econômicas, por terem que passar em testes, por falta de tempo a ser dedicado, por deficiências físicas e mentais. Kalman acredita que é um erro pensar que com a criação de materiais abertos, de repente, todos serão educados, e acrescenta que precisamos de pessoas, e que o fato de ser aberta não implicará necessariamente na solução educativa.

O venezuelano Ramon Encontrela-Mao refere-se à historicidade da educação a distância no seu país. Recolhe aspectos importantes dessa experiência educativa inclusiva, realizada com uma população heterogênea, entre eles migrantes, em um momento em que o sistema educacional convencional não conseguia dar resposta aos nacionais nem às pessoas chegadas de toda América-Latina. Pensa na ampliação da cobertura da educação superior na perspectiva das dinâmicas migratórias e seu impacto na processo de demanda e oferta educativa. Ele afirma que a educação a distância foi um instrumento que permitiu às pessoas conciliar trabalho e estudo para inserir-se socialmente por meio de melhor qualificação. O autor afirma que a educação a distância, que nas suas origens estava alinhada às políticas desenvolvimentistas, está em transição para um outro modelo econômico.

A entrevista com a brasileira Marlene M. Blois nos remete a sua experiência na educação a distância no Brasil. Apresenta um grupo de idealizadores, pedagogos, das ciências e de português e literatura, contratados para criar programas na Rádio do Ministério da Educação (MEC) do Brasil. Mostra aspectos da educação com adultos por meio do rádio e relata os projetos: Seringueiros,

Radio MEC, Minerva e Educação em Debate, entre outros.

O indiano P.R.Ramanujam refere-se ao trabalho realizado por mais de tinta anos na *Indira Gandhi National Open University* - IGNOU, Índia, na busca de alcançar os não alcançados através de materiais de autoaprendizagem, baseados em multimídia, em vários idiomas, custos acessíveis, serviços de apoio através de Centros Regionais, Centros de Estudo e conselheiros acadêmicos em tempo parcial, interação face-a-face limitada, teleconferências e difusões sobre diversos temas por meio de canais educativos - princípios básicos de apoio da educação aberta por IGNOU.

O finlandês Juha Suoranta introduz o conceito de *wikiLearning*, para se referir à oportunidade de aprendizagem colaborativa de acesso livre e aberto na Internet. Acredita que, na modernidade líquida, conforme Zygmunt Bauman, o modo de aprender está mudando. No caso dos migrantes e refugiados, percebe-se que, na medida em que as pessoas se mudam de uma região para outra, elas precisam de recursos educacionais móveis e “sem espaço” fixo.

E, o mexicano Manuel Moreno, do Sistema Universidade Virtual de Guadalajara, pondera sobre os migrantes que transitam entre países e os que andam por necessidade pelas regiões de México, como é o caso dos indígenas que, para conseguir condições básicas de existência, deixam suas comunidades. Para ele, a educação a distância é uma oportunidade, tanto para os estudantes estrangeiros que estudam no México quanto para os mexicanos que acedem de seu país ou do estrangeiro. O autor considera que as distâncias geográficas são resolvidas com a tecnologia e pesam menos que as distâncias culturais geradas nos países onde vivem.

Todos os autores estão sensibilizadas para a questão, a partir de uma experiência concreta, e alguns, com a intenção de expandir a rede de experiências pensam na virtualidade para estabelecer vínculos entre as pessoas. Os entrevistadas de diferentes países, se manifestam pela webrádio como uma opção e as músicas sugeridas por eles é uma possibilidade, para os mais curiosos de escutar a preferência deles e delas, que começa a ressoar nos nossos corações.

Meu primeiro contato com o tema migração e educação superior ocorreu em 1988 quando me tornei migrante acadêmica e, anos mais tarde, voluntaria das Nações Unidas. Acredito que a minha própria história me sensibilizou com a situação dos migrantes que hoje também chegam ao Brasil.

São pessoas que tiveram que deixar a suas casas, seus estudos, impossibilitados de realizá-los no seu país, mas que mantém o interesse em retomar a vida, trabalhar e, especificamente, concluir ou iniciar um curso universitário no Brasil. E, é com eles e elas que migraram visões de mundo, culturas, histórias que mutuamente podem nos enriquecer se não nos calamos ou somos silenciados.

Em parte, foi assim que decidimos conversar com eles acerca do relacionar-se em outro país, que implica não só estar em situação de refúgio, mas também aprender outro idioma, fazer uma formação universitária e uma carreira profissional no Brasil.

Fica aqui o convite para uma leitura atenta.

Margarita Victoria Gomez (MVG)